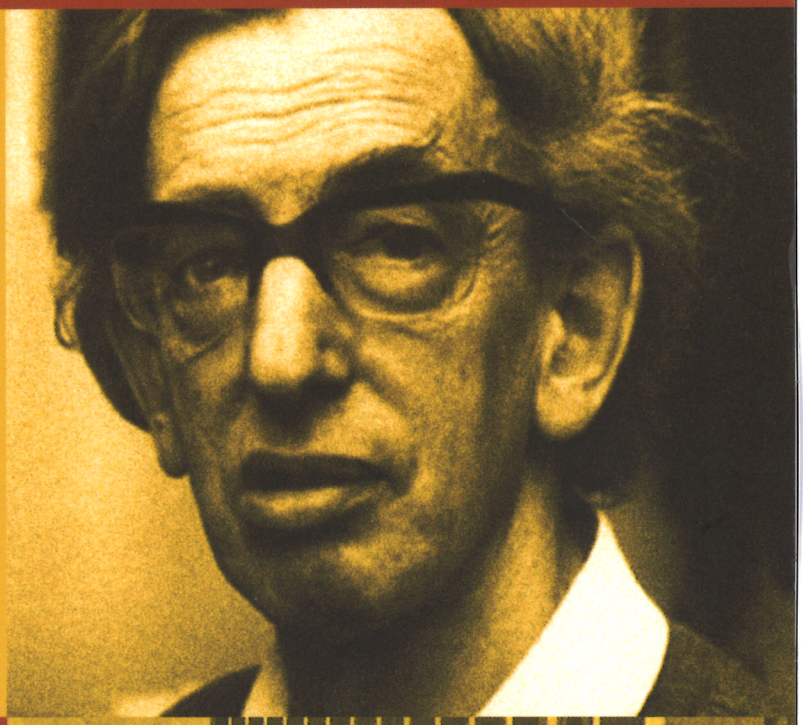
I.C.S.
H35

história

62
2012

Eric J. Hobsbawm 1917-2012



Movimento Estudantil de 1962

BIBLIOTECA

LER história

62
2012

Ler História
Associação de Atividades Científicas
Edifício ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas
1649-026 Lisboa, Portugal

LER **história** N.º 62/2012 – Revista semestral

Ler História é uma revista publicada com arbitragem científica. Está indexada como revista de circulação internacional no ERIH (European Science Foundation), CAPES (Brasil), Latindex e EBSCO.

Diretora MAGDA PINHEIRO

Diretora-Adjunta MARIA JOÃO VAZ

Redação ÂNGELA BARRETO XAVIER (ICS – Universidade de Lisboa); FRÉDÉRIC VIDAL (CRIA – Instituto Universitário de Lisboa); JORGE MANUEL FLORES (Instituto Europeu de Florença); JOSÉ VICENTE SERRÃO (CEHC – Instituto Universitário de Lisboa); LUÍS NUNO RODRIGUES (CEHC – Instituto Universitário de Lisboa); MAGDA PINHEIRO (CEHC – Instituto Universitário de Lisboa); MARIA CARLOS RADICH (CEHC – Instituto Universitário de Lisboa); MARIA DE FÁTIMA SÁ E MELO FERREIRA (CEHC – Instituto Universitário de Lisboa); MARIA FERNANDA ROLLO (FCSH/Universidade Nova de Lisboa); MARIA JOÃO VAZ (CEHC – Instituto Universitário de Lisboa); MIRIAM HALPERN PEREIRA (CEHC – Instituto Universitário de Lisboa).

Secretariado JOÃO ESTEVENS

Consultores ALBERTO GIL NOVALES (Universidade Complutense de Madrid); ANTÓNIO FIRMINO DA COSTA (CIES – Instituto Universitário de Lisboa); DAVID HANCOCK (Universidade do Michigan); ELOY FÉRNANDEZ CLEMENTE (Universidade de Saragoza); FERNANDO BOUZA (Universidade Complutense de Madrid); IRENE VAQUINHAS (Universidade de Coimbra); ISIDORO MORENO (Universidade de Sevilha); JOAQUIM DE CARVALHO (Universidade de Coimbra); JOAQUIN DEL MORAL RUIZ (Universidade Autónoma de Madrid); JOHN THORNTON (Universidade de Boston); JORGE FERNANDES ALVES (Universidade do Porto); JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA (FCSH – Universidade Nova de Lisboa); JOSÉ ESTEVES PEREIRA (FCSH – Universidade Nova de Lisboa); JOSÉ JOBSON ARRUDA (Universidade Estadual de São Paulo); JOSÉ LUÍS CARDOSO (ICS – Universidade de Lisboa); JOSÉ MARIA BRANDÃO DE BRITO (ISEG/Universidade Técnica de Lisboa); LÚCIA BASTOS (Universidade Federal Fluminense, Brasil); LAURA DE MELLO E SOUZA (Universidade de S. Paulo); LUÍS FILIPE THOMAZ (Instituto de Estudos Orientais da Universidade Católica Portuguesa); MANUEL PEREZ LEDESMA (Universidade Autónoma de Madrid); MANUELA TAVARES RIBEIRO (Universidade de Coimbra); MARIA BEATRIZ NIZZA DA SILVA (Universidade Estadual de São Paulo); MAURIZIO RIDOLFI (Universidade de Tuscia, Viterbo); NÉLIA DIAS (CRIA – Instituto Universitário de Lisboa); NURIA SALES; RAMÓN VILLARES (Universidade Santiago de Compostela); RAQUEL HENRIQUES DA SILVA (FCSH – Universidade Nova de Lisboa); ROBERT ROWLAND (CRIA – Instituto Universitário de Lisboa); SANJAY SUBRAHMANYAM (University of California/Los Angeles); SERGE GRUZINSKI (EHESS – CNRS); VALDO D'ARIENZO (Universidade de Salerno); VÍTOR MATIAS FERREIRA (Dinâmia – Instituto Universitário de Lisboa); WALTER ROSSA (Universidade de Coimbra).

Antigos Directores MIRIAM HALPERN PEREIRA (1983-2008)

Esta publicação respeita as normas do novo acordo ortográfico.

© Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

Endereço da redação | Revista «Ler História»
Edifício ISCTE-IUL – Av. Forças Armadas, 1649-026 Lisboa – Portugal
ler.historia@iscte.pt | www.lerhistoria.iscte.pt

Propriedade do título | Ler História – Associação de Atividades Científicas
Edifício ISCTE-IUL

Editor | Ler História – Associação de Atividades Científicas
Edifício ISCTE-IUL – Av. Forças Armadas, 1649-026 Lisboa – Portugal

Capa | Marta Figueiredo

Impressão | Artipol, Artes Tipográficas, Lda. – Apartado 3051 – 3754-901 Águeda

Periodicidade | Revista Semestral

Distribuição | Ler História – Associação de Atividades Científicas
Edifício ISCTE-IUL – Av. Forças Armadas, 1649-026 Lisboa – Portugal
ler.históriaiscte.pt

Tiragem | 600 exemplares

Preço da Capa | €12,47 + 6% IVA = 13,22 €

ISSN | 0870-6182

Ler história | N.º 62 | 2012 | pp. 125-128

INTERDISCIPLINARIDADE EM AÇÃO. EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA EM CONTEXTO RURAL

Introdução

Depois da II Guerra Mundial multiplicaram-se os apelos às práticas interdisciplinares, seguindo uma tendência anterior que defendia o ecletismo disciplinar e o alargamento das perspetivas dos historiadores. Atualmente, os diálogos disciplinares parecem ser muito prezados, podendo até ser apontados como paradigma teórico e metodológico das ciências contemporâneas, mas em que circunstâncias são desenvolvidas pesquisas interdisciplinares? Qual o contributo que estas pesquisas podem dar para aprofundar a compreensão da historicidade das sociedades rurais contemporâneas? Estas foram algumas das questões que estiveram subjacentes à organização de um seminário para discutir a interdisciplinaridade aplicada a investigações centradas em contextos rurais[1].

Tanto as reflexões e experiências de pesquisa discutidas no seminário, como a formação académica dos participantes decorreram numa época que tem sido apontada como de convergência e reconciliação entre as Ciências Sociais. Ainda que as origens e os percursos das diferentes ciências continuem a marcar a formação dos investigadores, a formulação dos problemas e, necessariamente, a recolha e a análise das evidências empíricas, assiste-se desde os anos 80 do século XX a uma aproximação das Ciências Sociais. Como tem vindo a ser salientado, parecem ultrapassadas as polémicas acesas, que começaram no século XIX e persistiram durante grande parte do século XX[2]. As pesquisas desenvolvidas pelos autores dos artigos publicados neste *dossier* refletem sobretudo as discussões e os procedimentos que têm envolvido a História, a Sociologia e a Antropologia[3].

As contendas disciplinares que marcaram o relacionamento da História com estas disciplinas começaram por ser protagonizadas pelos sociólogos, com destaque para E. Durkheim e F. Simiand, mas abarcaram também os antropólogos, representados sobretudo por C. Lévi-Strauss e M. Mauss. No século XIX e inícios do XX, ao mesmo tempo que estas disciplinas se

1 O seminário *Interdisciplinaridade em ação. Experiências de pesquisa em contexto rural* decorreu a 14 e 15 de junho de 2010, no Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL, no âmbito do projeto «Além do fracasso e do maquiavelismo: a emigração irregular portuguesa para a França, 1957-1974», financiado pela FCT (PTDC/HIS-HIS/103810/2008).

2 Entre muitos outros, refiram-se P. Burke, *History & Social Theory*, Cambridge, Polity Press,1992; K. Hastrup (ed.), *Other histories*, London, European Association of Antropologists,1992.

3 Pela sua dimensão, a redação da *LH* decidiu dividir a publicação deste *dossier* por dois números da revista (nota da redação).

definiam, as críticas visavam sobretudo os historiadores positivistas, que defendiam uma História guardiã da objetividade e da verdade. Estas disputas, a par das questões científicas, visavam também aspetos financeiros e institucionais associados à posição dominante da História no âmbito das Ciências Sociais.

No campo da História, as preocupações interdisciplinares tornaram-se mais notórias com o início do movimento dos *Annales,* na década de 1920[4]. Historiadores como Marc Bloch e Lucien Febvre intensificaram as críticas, tanto à ortodoxia dos historiadores positivistas, como às posições de sociólogos e antropólogos. Faziam a apologia de uma História que, como escrevia L. Febvre, abarcasse «tudo aquilo que pertencendo ao homem, depende do homem, o serve, o exprime, e traduz a sua presença, atividade, gostos e formas de existência»[5]. Depois da II Guerra Mundial, as propostas dos *Annales*, continuadas por L. Febvre e Fernand Braudel, tornaram-se hegemónicas no campo da História, tanto em França, como em outras áreas[6]. As influências estenderam-se a países que estavam culturalmente mais próximos da francofonia, como Portugal[7], mas também a grupos inseridos em contextos anglo-saxónicos[8].

Nessas décadas, a propostas da Nova História, renovando as heranças dos *Annales*, ampliaram as possibilidades de diálogo interdisciplinar. O alargamento das problemáticas da História, quase abandonando o político e multiplicando as abordagens sociais e culturais, foi acompanhado por mudanças na conceção e na construção das fontes. Fortalecia-se uma História «que tem de vincular incessantemente o estudo dos mortos ao dos vivos»[9], que está necessariamente sujeita às mutações do presente e à subjetividade do historiador. Uma disciplina sempre em (re)construção, alicerçada em conhecimento transitório e contingente.

Ainda que a Nova História potenciasse a captação de contributos teóricos e metodológicos de outras disciplinas, assistiu-se durante décadas a um «diálogo de surdos», nos termos de F. Braudel. As relações entre as

4 Segundo P. Burke (*Una rivoluzione storiografica: la scuola delle Annales, 1929-1989*, Bari, Laterza, 1995) a designação de «movimento dos *Annales*» refere de forma mais precisa, do que a habitual «escola dos *Annales*», as modalidades de difusão das propostas destes historiadores.

5 Citado em S. Clark, «Os historiadores dos Annales», in Q. Skinner (dir.), *As ciências humanas e os seus pensadores*, Lisboa, D. Quixote, 1992, p. 235.

6 March Bloch foi fuzilado pelos nazis, em 1944. Deixou, entre outras obras, *Apologie pour l'Histoire ou métier d'historien* (1949), já escrita no presídio, um manifesto das mudanças historiográficas.

7 As influências tornaram-se mais notórias depois de 1974, com o regresso de investigadores formados no exílio, a maior parte em França ou em países sob influência francesa, e com a modificação de licenciaturas e programas universitários.

8 Por exemplo, a revista inglesa *Past & Present*, fundada em 1952 e com historiadores como E. P. Thompson ou E. Hobsbawm, ou o Fernand Braudel Center, criado em 1976, na State Univesity of New York.

9 M. Bloch, *Introdução à História*, 5.ª ed., Mem Martins, Pub. Europa-América, 1987, p. 45.

Ciências Sociais continuaram marcadas por polémicas diversas, associadas à constante reafirmação académica de fronteiras disciplinares, dificultando a consagração de programas universitários assentes em perspetivas e metodologias que fornecessem aos investigadores os instrumentos indispensáveis para desenvolver pesquisas interdisciplinares.

Desde a década de 1980, a modificação de alguns destes posicionamentos tem abrangido todas as Ciências Sociais, favorecendo a reavaliação das conceções teóricas e metodológicas que, desde finais de oitocentos, orientavam a consagração académica dos diferentes campos disciplinares. Nas últimas décadas do século XX, acreditava-se que se estava a viver um período de derrube de barreiras e abertura de fronteiras intelectuais. Estavam em curso mudanças cruciais nas Ciências Sociais que, afastando o foco do estudo de sistemas abstratos (desde o parentesco, à economia), se centravam na análise das experiências humanas em diversos contextos espaciais e temporais.

Ao mesmo tempo, as disciplinas tendiam a desdobrar-se em subdisciplinas. A História conforta-se, desde essa década, com o que François Dosse designou por «história em migalhas»[10]. Criam-se subdisciplinas (história do corpo, história urbana, história das emoções, entre tantas outras), que pulverizam especializações e estimulam diálogos interdisciplinares, tornando a História mais atenta a fenómenos e a grupos ocultados ou minoritários. Algumas estabeleceram alicerces teóricos e metodológicos próprios, funcionando como um campo. A interdisciplinaridade pode assim emergir dentro de disciplinas e subdisciplinas, na medida em que as questões que carecem de esclarecimento não se confinam a um campo previamente definido.

Neste percurso, as temáticas rurais e agrárias têm sido abordadas de forma intermitente e distinta tanto pela Antropologia, História e Sociologia, como por diversas subdisciplinas. Após um certo abandono que marcou os anos 70 e 80, desde finais do século XX que aumenta o interesse dos cientistas sociais por estas temáticas, assistindo-se na Europa à renovação dos estudos dedicados ao rural e à agricultura. As análises do «caso português» têm participado neste processo, contribuindo para as discussões internacionais e, também, aprofundando a reflexão acerca das mudanças em curso nos territórios rurais. Os artigos deste *dossier* refletem essa renovação, propondo estratégias metodológicas que permitam compreender uma sociedade rural diversificada e em movimento, sugerindo que visões de um país rural e agrícola historicamente estagnado, retrógrado ou alheio a inovações não têm sustentação empírica.

Os contributos reunidos neste *dossier* indicam que os estudos rurais e da agricultura podem ser um laboratório propício para experiências inter-

10 F. Dosse, *L'histoire en miettes. Des «Annales» à la «nouvelle histoire»*, Paris, La Découverte, 1987.

disciplinares. Os artigos mostram algumas das incertezas e das possibilidades inerentes a investigações que se arriscam por fronteiras disciplinares instáveis, que são atravessadas em busca de recursos teóricos e metodológicos para esclarecer as hipóteses formuladas. Neste sentido, enquanto historiadores se aventuram na história oral e no trabalho de campo, antropólogos e sociólogos encaram sistematicamente os arquivos históricos. Todos enfrentam as novidades da *internet* ou das câmaras de vídeo portáteis.

Apesar de tudo, é necessário reconhecer que continua a ser delicado transpor os limites de cada disciplina, desrespeitar as barreiras cronológicas, infringir temas de uma especialização já consagrada. O investigador que procura a interdisciplinaridade assemelha-se a um contrabandista, podendo ser ameaçado em ambos os lados da fronteira. Merece, muitas vezes, a desconfiança dos pares com quem partilha a matriz disciplinar, mas também das restantes ciências de que se aproxima. O resultado destas pesquisas é como o bem contrabandeado: pode ser apreciado e útil, mas não perde a marca de uma origem controversa, nem a marginalidade inerente ao desrespeito pelos cânones dominantes. Então por que se sujeitam os investigadores a tais riscos interdisciplinares? Alguns esclarecimentos estão nos artigos deste *dossier*. Mas, talvez a resposta possa ser encurtada, dizendo que se trata de tentativas para satisfazer a curiosidade intelectual, que é o que, afinal, subjaz a todo o conhecimento humano.

Dulce Freire
Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa
Victor Pereira
Université de Pau et des Pays de l'Adour